

# Antonio Rugolo Júnior

## deverá dobrar após a pandemia?



Malavolta Jr.

Presidente da Famesp, Antonio Rugolo Júnior conta que teve os primeiros contatos com gestão ainda na adolescência, após seu pai, que tinha uma transportadora, ficar doente; segundo o médico, a Covid-19 é a pior epidemia que já enfrentou

**JC - A Famesp sempre frisou trabalhar com o conceito de humanização. Como colocá-lo em prática no atual cenário, sendo que as visitas estão proibidas?**

**Rugolo -** Na Maternidade, no Estadual e no Base, o horário de visitação era ampliado e sempre permitíamos a entrada de um acompanhante. Infelizmente, tivemos de retroceder. Não dá para afirmar quando nós voltaremos ao normal, porque o vírus continuará circulando. Então, compramos vários tablets para os pacientes contatarem as suas respectivas famílias.

**JC - Desde o início da pandemia, a Famesp criou uma espécie de comitê de crise. Como ele funciona?**

**Rugolo -** Nós temos um comitê de crise antes mesmo de o Estadual se tornar referência, em toda a região de Bauru, para o tratamento de pacientes com Covid. Paralelamente, cada unidade administrada por nós fez o mesmo. Os grupos se reúnem diariamente para discutir as principais dificuldades. No início, era a falta de EPIs. Hoje, nós já nos adaptamos. Porém, nos preocupamos diante das incertezas envolvendo a evolução da doença.

**JC - Falando nisso, o senhor acredita que o pico da doença já chegou aqui, no Interior de São Paulo?**

**Rugolo -** Os epidemiologistas estimam que o ápice da doença chegará a partir da primeira semana de junho.

**JC - Bem no início da flexibilização dos serviços não essenciais, em Bauru. O senhor, então, é contra tal medida?**

**Rugolo -** Se isso não for feito de uma forma vigiada, a situação deverá piorar. Tenho quase certeza de que as pessoas não respeitarão o distanciamento social. Creio que também haverá um relaxamento quanto ao uso de máscaras e álcool em gel.

**JC - O senhor viaja bastante e não sai dos hospitais que administra. Tem medo de se infectar?**

**Rugolo -** Não. Eu tento me cuidar. Como viajo muito, tenho um motorista. Por isso, uso máscara e álcool em gel até dentro do carro. Em casa, tiro o sapato antes de entrar e troco de roupa. Eu sou pai de uma criança de 5 anos e preciso redobrar os cuidados.

**JC - A pressão na rede pública de saúde aumentará após a pandemia?**

**Rugolo -** Sem dúvida alguma, porque a demanda está represada. Embora o Estadual tenha flexibilizado para cirurgias eletivas e consultas, a unidade enfrenta uma dificuldade grande, porque os pacientes, geralmente, chegam de van ou ônibus. Os prefeitos querem evitar aglomerações e as pessoas acabam desistindo destes procedimentos. Logo, quando tudo se acalmar, a pressão na rede pública de saúde deverá dobrar em relação ao cenário anterior à pandemia.

**JC - Como a Famesp se prepara para o aumento da demanda?**

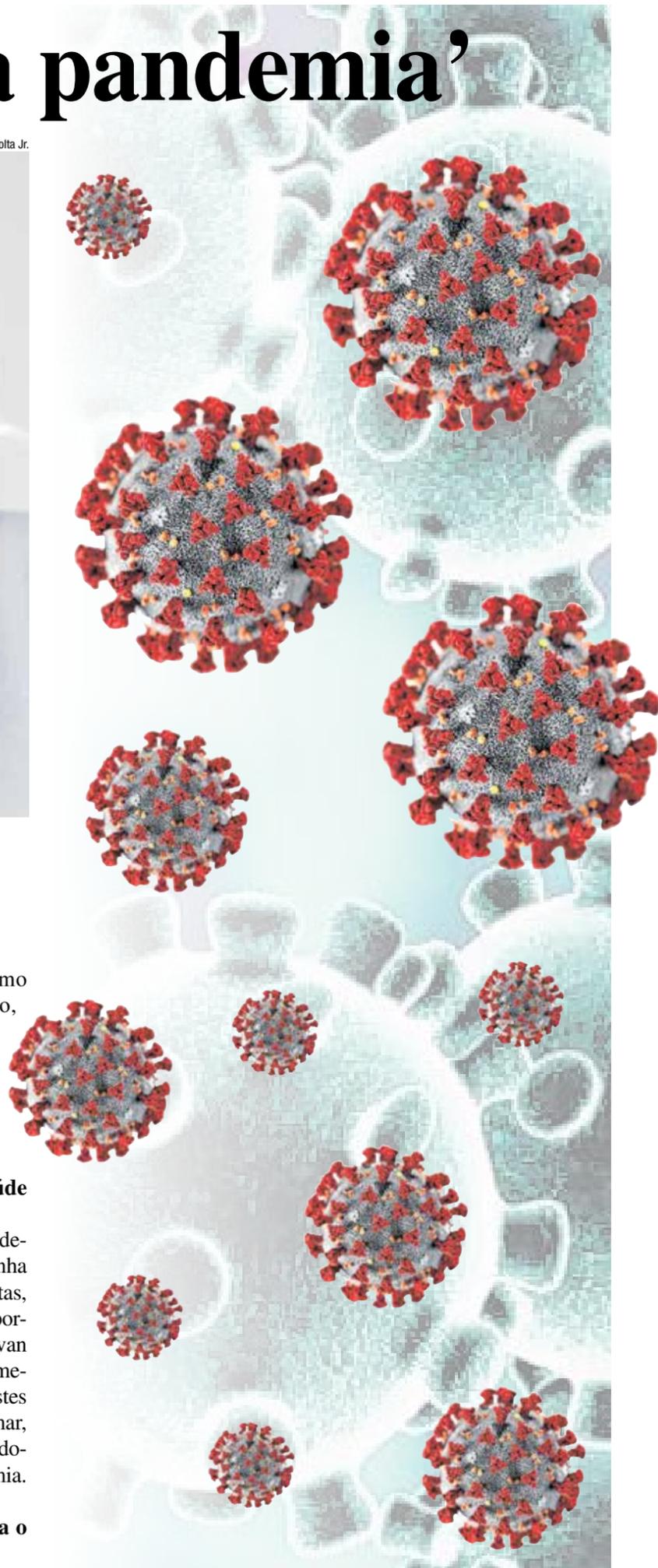
**Rugolo -** Como os médicos dos ambulatórios e das cirurgias eletivas não foram dispensados destes serviços, eles ligam para os pacientes, promovendo uma espécie de teleconsulta. Se os profissionais sentirem que eles precisam de atendimento presencial, pedem para se dirigirem até as suas respectivas unidades.

**JC - Os hospitais públicos estão muito longe dos privados em relação ao enfrentamento da Covid-19?**

**Rugolo -** No início, os hospitais públicos se atrasaram para implantar os protocolos de tratamento, porque a burocracia não era tão flexível. Agora, ambos estão alinhados.

**JC - Por fim, qual é a mensagem que o senhor deixa para os profissionais da saúde neste momento?**

**Rugolo -** A minha mensagem é de agradecimento. Sem eles, nós não conseguiríamos enfrentar a pandemia. Sou grato, também, ao pessoal da Famesp, que montou o HC de Bauru em tempo recorde.



### O que diz o gestor

“Gosto do que faço e sinto prazer em ajudar o próximo”

“Nós precisamos avaliar as nossas ações diariamente. No Hospital Estadual, por exemplo, já mudamos o protocolo de tratamento por três vezes”

“Os epidemiologistas estimam que o ápice da doença chegará a partir da primeira semana de junho”

“Se isso [flexibilização dos serviços não essenciais] não for feito de uma forma vigiada, a situação deverá piorar”

“No início, os hospitais públicos se atrasaram para implantar os protocolos de tratamento, porque a burocracia não era tão flexível. Agora, ambos estão alinhados”

“Sem eles [profissionais da saúde], nós não conseguiríamos enfrentar a pandemia”